



LEONARDO PINHEIRO

SOBRE ESTE PROJETO

Este conjunto de textos, contos e roteiros são resultado de um processo criativo muitas vezes desafiados, que exigiu entrega e dedicação. Mas, a parte mais curiosa foi que esta exigência foi de maneira sutil, envolvente, o tipo de pedido que nós nem percebemos como tal, nos prontificamos, nos entregamos de bom grado antes mesmo de perceber que ele precisa ser feito.

Dessa maneira, dessa entrega, a fluidez entre o ficcional, o pessoal e o autobiográfico se mistura, poesia, texto, conto, vida. Um pouco de tudo, um pouco de todos.

SUMÁRIO

Ensaio sobre amor e saudade	3
Noites	5
Não vá embora	6
Ele pode ver você	11
Histórias miúdas	13
O curioso caso da Srta McHale	
Hiroshima mon amour	
A menina e o cão	
A Trilogia do Herói	
O quarto mais alto da torre mais alta	14
Azogh	16
Prim	20
Tia Nancy doces e doçuras	28
Sussurros	32

ENSAIO SOBRE AMOR E SAUDADE

Agora estou deitado em meu quarto. Na mão um copo de conhaque barato. Pelo meu rosto as lágrimas correm enquanto olho pela janela, o céu cinza e as nuvens de chuva. Desisti de tentar fazê-las parar. Bebo para lembrar, choro para esquecer.

A minha volta vejo o vazio. Ele me aperta, sufoca, me engole. A ausência me cerca, por todos os lados. As paredes gritam e me encaram, me julgam, e me calo em meio a esse silêncio ensurdecedor. Busco saída, fuga, descanso. Mas todos os caminhos me levam para a solidão. Sempre estive sozinho, acho que a este ponto já deveria ter me acostumado, mas, toda noite quando deito e olho para o escuro me sinto só. Isso me assusta. Mudei e a única coisa que não mudou foi o medo toda noite. Estou só, e só me vejo, olho a minha volta, buscando por ti, mas continuo só. E eu só sei que viver só não consigo.

...

Antes:

A chuva começa a bater em meus ombros, devagar se insinuando, como o frio que chega a uma manhã de inverno. Mas isso não importa, não pra mim, não hoje. Caminho a passadas lentas, sem tirar os olhos do chão. O mundo a minha volta parece tão chato, não tenho por que olhar para ele. Pessoas caminhavam com pressa pela rua. Mas por que elas estão com tanta pressa? Eu não consigo me lembrar. Mas isso também não importa.

Paro em frente à porta e respiro fundo, encosto a cabeça nela e ali fico por alguns minutos. Decido então que é hora de entrar, tiro a chave do bolso, coloco na fechadura e giro a maçaneta.

Abro a porta, não meus os olhos. Eles se negam a abrir. Tento não pensar em ti, mas meu olfato me trai, traz teu cheiro, teu perfume. Estremeço. Devagar abro os olhos, o quarto vazio, sem tu aqui, sem vida, sem alegria.

Caminho até a cozinha, ponho a chaleira no fogo e volto para o quarto. Sento na cama, ainda bagunçada, e sinto tua falta. E ela dói, como dói. Olho para o criado mudo, em cima dele meu abajur, umas moedas, “*Toda Poesia*” do Paulo Leminski, que andei lendo noite passada enquanto tu dormia e o resto de café na caneca que tu me deu. Como pode tu-do nessa casa falar sobre nós dois?

Mas agora isso não importa, tu foi embora e o chá está pronto.

...

Antes ainda:

Enquanto olho para os teus olhos tão gigantes me perco, divago, me encanto na doçura do sonho que é estar contigo, pensando e perdendo cada oportunidade de dizer que te amo. E te amo! Como te amo... Merda! Por que te amo?

- Não é?

Tu olhas para mim, esperando uma resposta.

- Oi?

- Acorda, bonitinho. Eu perguntei se tu tá com fome.

- Ah, não, tá tão bom aqui. Só mais um pouquinho, depois a gente vai.

- Tá bom. – tu diz para mim sorrindo.

Eu te abraço mais apertado e sinto teu corpo, tuas curvas, teu cheiro. Te beijo o pescoço e sinto teu gosto, agora beijo tua boca e me sinto completo, como a sensação de por a última peça no quebra-cabeças. Quero ficar nessa cama para sempre.

- Como vai ser pequeno? – pergunto.

- Não tem medo não, querido, a gente fica longe, a gente até se esconde e volta a namorar depois. – tu me responde.

- Não quero ficar longe de ti.

- Eu sei – tu me beija a testa –, eu também não, mas logo a gente vai tá junto de novo.

Eu te abraço de novo. Quero aproveitar cada segundo do teu lado. Te quero, mais do que tudo.

- Quando tu voltar eu vou estar te esperando.

- Quando tu avistares o mar saiba que estarei do outro lado com um sorriso que é só teu.

Eu fecho os olhos bem apertados, desejando que o tempo não passe. Mas ele passa mesmo assim. Nós levantamos e nos vestimos. Eu termino antes de ti e te admiro, a camiseta de barquinhos de papel, os óculos, a barba, caíra tudo tão bem em ti. Mas nada se compara com o sorriso que me lanças. É o sorriso mais lindo que já vi em toda minha vida.

- Tudo pronto? – Pergunto

- Aham – Eu me aproximo e te dou outro beijo, será este o último?

- Então vem, meu menino.

Me afasto, pego a chave e abro a porta, saímos para a rua. Quando ponho o pé na calçada ouço a nossa música, parece que ela vem de lugar algum, que por uma coincidência, ou não, mágica ela tenha começado a tocar no lugar certo, na hora certa. Olho para ti e sorrio, é como se o mundo cantasse pra gente.

Quando chegamos ao aeroporto já está quase na hora do teu voo, sentamos e tomamos um café apressados enquanto conversamos sobre nós. E a única coisa que consigo pensar é que os próximos dias serão difíceis, sem tu aqui.

A concretude de ti ter ao meu lado começa a se esvaír pelas minhas mãos, tá na hora, tu tem que ir, te olho no fundo dos olhos, para lembrar deles para sempre. Te abraço, não sei quando vou te ver de novo. Malditas despedidas, odeio-as! Ainda assim elas me seguem, onde quer que eu vá, e me lembro de todas.

...

Agora estou deitado em meu quarto, na cama em que dormimos juntos. Na mão um copo de conhaque barato, decidi que o dia de hoje pedia algo mais apropriado que o chá de

camomila que agora esfria. Pelo meu rosto as lágrimas correm enquanto olho pela janela. Desisti de tentar fazê-las parar. O céu cinza e as nuvens de chuvas me parecem combinar com todo o resto. Deus! Eu vou ter saudades de ti!

Cada segundo que passa parece que vai durar para sempre.

Bebo para lembrar, choro para esquecer.

Mas isso também não importa.

NOITES

O menino corria alegre pela praia, chutando as ondas e sorrindo, sem se preocupar com o dia de amanhã, era final de tarde e o sol começava a se por. Mas a brincadeira estava tão boa, por que tínhamos de ir embora? *Corre menino, tua mãe tá te chamando, tá na hora de ir pra casa.* Ele para, espera a última onda bater em seus pés enquanto mexe os dedos na areia molhada. Fora um dia magnífico, mas eles sempre acabam.

O menino entra no carro, senta em cima da toalha para não molhar o banco e olhando pela janela vê, pouco a pouco, o mar se distanciando.

O sol se põe, eles param no mercado, compram as coisas para a janta e vão para casa. O menino sai do carro, vai até o chuveirinho que tem no pátio, lava o pé, tira a areia do chinelo e corre para o banho. Quando sai, a comida está pronta e na mesa, ele come e vai para a sala assistir um pouco de tv antes de dormir. O tempo passa, o filme acaba. *Hora de ir pra cama menino.*

Ele escova os dentes e já sonolento cambaleia rumo a sua cama. Sua mãe espera sentada na cama. Ele deita, ela o cobre, caminha até a mala no canto do quarto e pega um macaquinho de pelúcia, que o menino dorme abraçado todas as noites. Ela entrega o macaquinho para o menino, dá um beijo na sua testa e apaga a luz, o menino fecha os olhos, abraça o macaquinho apertado, exausto pelo dia agitado que tivera logo cai no sono.

O menino acorda no banco de trás de um carro, tapado e com um travesseiro. Era o último dia de férias e a família agora estava voltando para casa, deixaram o carro arrumado durante a noite e saíram de madrugada cedinho, colocando no carro apenas o menino.

Ainda desorientado, o menino abre uma sacola que está no chão do carro e tira o seu café da manhã. A viagem até em casa seria longa, então se recostou no banco e começou a comer.

Assim que chegaram em casa, já perto do meio dia, começaram a descarregar o carro, o menino, fora para o seu quarto, aproveitar seu último dia de férias o máximo que podia. Brincou, almoçou, voltou a brincar. No fim da tarde foi parar o chuveiro. Jantou, brincou mais um pouquinho. *Tá na hora de dormir pequeno, vai pra cama.*

Ele se deitou, sua mãe o cobriu, e enquanto esperava pelo macaquinho de pelúcia que dormia abraçado todos os dias, que só agora a mãe se dera conta que esquecera, olhando para o escuro, o menino iria descobrir como eram longas as noites.

NÃO VÁ EMBORA

C#º Gm7 F7 Eb7/Bb D7/A – Bbº

E nas noites quando vens
É pra ser o que ninguém
Jamais foi
Pra mim

E não importa onde eu vá
Eu quero que tu estejas lá
Comigo
Meu amor

Alice estava sentada no sofá da sala, usava um vestido verde com florezinhas amarelas e pés descalços. Pela janela, feixes de luz entravam na sala e banhavam seu rosto delicado, ressaltando o brilho de seus olhos, e o violão velho que segurava.

C#º Gm7 Am7(b5)

Por favor
Não vá
Embora

- Ainda não é isso... – disse Alice, parando de tocar e olhando para o caderno com a letra da música a sua frente. Colocou o violão apoiado no sofá e se levantou. – O que tu acha, Tobias? – O gato cinza olhou para ela e bocejou. – Concordo. – disse Alice andando até o gato, que estava deitado em sua caminha. Fez um carinho na barriga dele antes de ir para a cozinha. Enquanto enchia um copo d'água, seu telefone começou a tocar. – Alô? Ah, oi Marquinho, como tá? Tô bem também, então, tô terminando, tá quase. Claro! Vamos sim, 15h? Beleza, fechou, beijão Marquinho.

- Miau.

- Tu tá com fome? Acabei de botar comida pra ti.

- Miau.

Alice pegou o pote da ração e colocou para Tobias. O gato se levantou, espreguiçou-se, foi até o pote e começou a comer. Alice foi para o quarto e pegou uma toalha, entrou no banheiro e foi para o chuveiro. Quando saiu, voltou para o quarto, colocou uma camisa xadrez, uma calça jeans e suas alpargatas. Foi até a sala, pegou o violão de cima do sofá e colocou no suporte. Pegou o caderno e uma caneta de cima da mesa e colocou-os na bolsa.

- Tobias, daqui a pouco eu volto – disse Alice, fazendo um carinho entre as orelhas do gato que ronronava suavemente. Abriu a porta de casa e foi para a rua.

Quando chegou ao café, Marcos já estava lá sentado em uma das mesinhas do lado de fora. Era um lugar pequeno, com um deck, um pergolado de madeira com samambaias suspensas e um canteiro de flores na frente, paredes de tijolo a vista e mesas e cadeiras de ferro, simpático e aconchegante. Marcos se levantou quando a viu chegando.

- Oi! E ai? Quanto tempo!
- Oi! Marquito! Pois é, como tu tá?
- Tô bem, meio cansado, mas tô bem.
- Que anda aprontando?
- Ah, o de sempre. Trabalhando feito um louco, estudando. Sabe como é. Mas e tu, me conta, como tá o álbum?
- Tá quase tudo pronto, falta só terminar uma música pra começarmos a gravar.
- Que incrível!
- Pois é – respondeu Alice sorrindo – bora pedir um café?
- Bora – Marcos acenou para o garçom.

E ali passaram o resto da tarde, falando da faculdade, dos pais, dos amores, de tudo e nada.

- Pôxa, vamos fazer isso mais vezes. – disse Alice enquanto se levantava.
- Sim, vamos sim. Tu tem algum plano pra amanhã à noite?
- A princípio não. Qual a ideia?
- Ah, não sei, mas a gente pode fazer alguma coisa.
- Pode ser, a gente combina amanhã então.
- Beleza, beijos, Alice. Até amanhã.
- Beijos Marquito. Até.

Alice abraçou Marcos e pôs-se no caminho de casa. Perto de casa, antes mesmo de chegar começou a ouvir os miados de Tobias. Abriu a porta e o gato correu para se esfregar em suas pernas.

- Oi Tobias – Alice lhe afagou a cabeça. Sentou no sofá e tirou as alpargatas. Tobias logo pulou em seu colo – folgado – disse Alice lhe fazendo carinho.

Alice ligou a televisão e ficou assistindo um filme qualquer até pegar no sono. Acordou do cochilo, tirou Tobias de seu colo e foi preparar a janta. Enquanto cortava tomates.

- Tive uma ideia, Tobias!

Alice largou os tomates e correu para a sala. Pegou o violão e começou a tocar.

C#º Gm7 F7 Eb7/Bb D7/A – Bbº

E nas noites quando vens
É pra ser o que ninguém
Jamais foi
Pra mim

E não importa onde eu vá
Eu quero que tu estejas lá
Comigo
Meu amor

C#° Gm7 Am7(b5)

Por favor
Não vá
Embora (2x)

C#° Gm7 F7 Eb7/Bb D7/A – Bb°

E nos teus olhos quero ver
A certeza que você
Não vai me
Deixar

E todo dia quero ser
O motivo de você
Sorrir
E brincar

C#° Gm7 Am7(b5)

Por favor
Não vá
Embora (2x)

- É Tobias, tá melhorando. – Alice largou o violão e pegou sua bolsa, remexeu-a até achar o seu caderninho, pegou a caneta e anotou a letra que acabara de compor. – Uma hora vai, Tobias. Uma hora vai.

Alice voltou aos tomates cantarolado.

Depois da janta foi para o quarto se deitar. Antes de fechar a porta, Tobias entrou correndo e pulou na cama.

- Ai que gato folgado.

Alice pegou Tobias e o colocou um pouco para o lado para poder entrar embaixo dos cobertores. O gato aproveitou a oportunidade e se enfiou lá também. E, assim, os dois dormiram.

Na manhã seguinte, acordaram. Alice escovou os dentes e tomou seu café. Sentou-se no sofá da sala, pegou o violão e começou a repassar as músicas do álbum. Tobias apenas trocou a cama pelo sofá e continuou dormindo.

A manhã passou, Alice fez o almoço e foi ver um filme. À tarde seu telefone toca. Mensagem de Marcos: “*Oi, e aí, que vamos fazer hoje?*”, Alice respondeu: “*Oi, então, não sei, quer vir aqui em casa, depois decidimos?*” “*Beleza, umas 20h eu tô aí então, beijo*”.

Alice largou o celular e sorriu. Terminou de assistir o filme, pegou o caderno, tentou escrever mais um pouco, depois tirou uma soneca com Tobias no sofá. Quando acordou, já estava quase na hora de Marcos chegar. Tomou um banho, colocou um vestido lilás, prendeu o cabelo e deu uma arrumadinha na casa. Enquanto colocava as almofadas no lugar, ouviu a campainha tocar.

- Oi! – Marcos usava uma camisa cinza escura, o cabelo bagunçado como sempre, óculos, calça social e sapato. Trazia consigo uma garrafa de vinho.

- Oi, Marquinho! – deram-se um abraço – Entra, entra. Fica a vontade.
- Aqui, não sabia se íamos ficar em casa ou não, via das dúvidas, trouxe um vinho.
- Ah, perfeito, acho que podemos fazer uma jantinha aqui mesmo. Que tu acha?
- Ótimo – respondeu Marcos sorrindo.
- Miau.
- Olha só, oi, pequeno – disse Marcos afagando Tobias.
- Ele é um chato, nem dá bola.
- Miau.
- Tobias, cai fora – disse Alice.
- Miau.
- Só ignora.

Eles fizeram a janta, conversaram, riram, tomaram toda a garrafa de vinho e abriram ainda outra que Alice tinha em casa. Já era tarde quando Marcos se levantou.

- Nossa, olha a hora, acho que é melhor eu ir.
- Ah, se tu quiser tu pode dormir aqui hoje, tá bem tarde mesmo.

Marcos sorriu

- Se tu não te importar mesmo, eu aceito.

Alice pegou Marcos pela mão e o levou até o quarto. Tirou o vestido e quando virou-se para fechar a porta, Tobias pulou para cima da cama.

- Ah, nem pensar. Tobias! Cai fora! – Tobias olhou para ela e deitou-se. Alice pegou o gato no colo e colocou para fora do quarto. – Hoje tu dorme na sala. – Fechou a porta.
- Miau.

Alice se virou para Marcos que agora estava deitado na cama. Caminhou até ele e se deitou também.

- Miau.
- Daqui a pouco ele para, não se preocupa. – Marcos sorriu.
- Tudo bem, eu sei como é.
- Miau

Os dois se abraçaram na cama e dormiram.

De madrugada Alice acordou. Levantou-se e foi até a cozinha tomar um copo d'água. Passando pela sala olhou para a janela. Tobias estava sentado olhando para a rua. Em cima do sofá estava o caderninho de Alice arranhado e mastigado. Quando o gato ouviu Alice se aproximando olhou para ela longamente, olhou para a rua de novo e pulou para o pátio.

Foi embora.

ELE PODE VER VOCÊ

- Filipe, vai tomar banho.

- Tá bom, mãe, tô indo.

Filipe se levanta e desliga o videogame, devagar pega sua toalha e vai para o chuveiro. Fecha a porta do box e liga a água.

Ele vê o menino no banheiro.

Perto do final do banho, Filipe ouve um rangido. Desliga a água.

- Mãe? – nenhuma resposta. – Mãe? É tu? – Um estouro.

O menino abre a porta do box e vê o espelho em pedaços pelo banheiro todo. Ouve barulho de passos e sua mãe chega correndo a porta do banheiro.

- O que aconteceu!?

- Eu não sei! Eu ouvi um barulho e quando abri o box, o espelho tava assim.

- Cuidado com os cacós, filho! Será que ele caiu? Mas como que esse negócio ia cair? Tá, fica aí que eu vou pegar a vassoura pra limpar isso aqui. – Ela sai em direção à área de serviço e volta com uma vassoura, pазinha, jornal e uma sacola. Junta o espelho quebrado e põe tudo na sacola. – Pronto. Pode sair.

Filipe sai com cuidado e vai para o quarto. Coloca uma roupa e vai para a cozinha. O jantar está pronto. Seu pai chega em casa do trabalho.

- Oi, filhão.

- Oi, pai.

- E aí, tudo bem?

- Aham.

- Oi, querida. – Caminha até a mãe e da um beijo em sua testa. – Hmmm, o cheiro tá ótimo! – Larga a pasta que carrega, lava as mãos na pia e senta à mesa.

- Ah, querido, mais tarde vou na casa da Maria, as meninas vão jogar canastra hoje.

- Tá bom, vai com o carro ou quer que eu te deixe lá?

- A Lu vai passar aqui pra me pegar.

- Ah tá, então tá bom. Hoje eu vou capotar, tô caindo de sono. – disse em meio a um bocejo.

Depois da janta. A mãe de Filipe sai para a casa da amiga e ele e o pai vão para sala assistir televisão. Passado algum tempo, com o pai já cochilando no sofá, o menino vai para o quarto deitar. Ele apaga a luz e caminha sonolento para a cama. Pouco tempo depois de deitar, adormece. Em meio ao sono, vê no canto de seu quarto uma pessoa toda preta e alta

com dedos compridos e sem rosto algum. Assustado, abre bem os olhos. Mas não vê nada.

Ele vê o menino deitado na cama.

Filipe tenta voltar a dormir, mas não consegue, vira de um lado para o outro da cama em busca de sono, mas ele não vem. Passa então a olhar para o teto, e então começa a ouvir um barulho, um arranhar baixo. Ele olha em volta, mas não vê nada. A testa se vinca, a boca fica seca. O barulho fica mais alto. Mais alto. Filipe cobre a cabeça com o cobertor. Mais alto. Mais alto! MAIS ALTO! Silêncio. Filipe respira pesadamente, arfando com dificuldade. Os olhos cheios e o nariz escorrendo. Treme. Tira o lençol da cabeça e olha em volta, mas os olhos estão embaçados e está muito escuro, sai da cama, caminha até o interruptor e liga a luz. Olha horrorizado para as paredes. Estão todas arranhadas, do chão ao teto. O menino se encosta-se à porta com as mãos na boca e começa a chorar.

Abre a porta e corre em direção à sala. Mas, quando chega à metade do corredor escuro sente algo molhado sob seus pés descalços. Desacelera e vê que o chão está inundado. Caminhando devagar, chega ao final do corredor. À esquerda a sala de estar, à direita o quarto dos pais.

Ele vê o menino no fim do corredor.

Filipe entra na sala. A TV ainda está ligada, a poltrona em que seu pai está fica de costas para a porta. Filipe caminha até a poltrona e toca o braço do pai, que cai ao lado da poltrona, sem vida. O menino dá a volta na poltrona e grita. Grita! GRITA! Chora e chora e chora. Na sua frente o que sobrou de seu pai, sem cabeça e com o peito aberto como se um animal tivesse se tornado açougueiro.

O menino respira pesadamente, chora incontrolavelmente, se encosta-se à televisão sem saber para onde ir.

Ouve um passo pesado. Outro. Mais um. Da escuridão sai um homem muito alto com garras compridas no lugar de dedos, todo preto. Mas diferente de antes, agora ele tinha rosto. Uma máscara sádica feita com o rosto do pai de Filipe. O sangue escorre pelas laterais.

Filipe não consegue respirar. Arfa pesadamente, põe a mão no peito, que dói.

- Oi filhão – a voz de seu pai -, vem brincar! – a máscara sorri para a criança.

HISTÓRIAS MIÚDAS

O CURIOSO CASO DA SRTA. MCHALE

Srta. McHale não sentia o mar frio que tocava-lhe a pele. A calma de seu rosto divergia das ondas revoltas a sua volta. Devagar, ela afundava, sem se preocupar, nesse mar de ferro e sangue em que mergulhara.

HIROSHIMA MON AMOUR

Sob meus pés sinto a grama molhada enquanto caminho pelo jardim.

É início da primavera e as rosas de Hiroshima começam a desabrochar. Vendo elas vivas, tão belas, quase esqueço que embaixo de suas raízes estão perdidas memórias, esperanças e amores, em meio a ferros, ossos e escombros. Tão frágeis quanto a carne.

A MENINA E O CÃO

- Alice, olha pra mim.

Ela não olhou. Mas Tobias olhava. Droga, roubou meus cigarros, meu coração e o meu cachorro.

- Me desculpa.

Ela terminou o cigarro, tirou a camisa e a saia e as colocou dentro da bolsa jogada na areia. Se virou, olhou em meus olhos mas, não disse nada. Olhou para Tobias, lhe fez um carinho entre as orelhas e correu para o mar.

- Viu, Tobias. Não fui o único que ela abandonou.

A Trilogia do Herói



⓪ quarto mais alto da torre mais alta

Godrick se escorou atrás do que restara de um dos pilares da antecâmara em ruínas. O castelo onde viveram os mais gloriosos reis daquela Era via-se agora em pedaços. A cota de malha e a armadura lhe pesavam, fazendo seus ombros doerem, o suor em suas mãos fazia a espada escorregadia sob seus dedos. Respirou fundo, olhou para os lados, não havia nada em volta além de seus pensamentos. O quarto mais alto da torre mais alta.

O cavaleiro se levantou. Ao fim da antecâmara podia-se ver as portas de carvalho outrora cuidadosamente esculpidas que levavam ao salão do trono, onde sentaram reis justos que governaram com sabedoria. Caminhou a passos lentos, calculando cada movimento, aproximando-se mais e mais da porta, tocou-a e fechou os olhos por um segundo, juntando coragem para o que viria a seguir. Abriu os olhos, chegara a hora, empurrou a porta.

De espada em punho olhou para o salão. Este, que presenciara a dança de corte em meio aos mais belos bailes ao som das baladas dos menestréis estava vazio, já muito em desuso, sem um pingo do esplendor do passado. Iluminado apenas pelos poucos feixes de luz que ousavam adentrar as janelas altas, um pesar lúgubre pairava no ar. Godrick baixou a espada e olhou para os lados, a sua esquerda, uma longa escada conduzia aos andares superiores, à direita, um corredor levando provavelmente as cozinhas e adega.

Dirigiu-se as escadas, olhou para cima e começou a subida. O quarto mais alto da torre mais alta.

Godrick já havia perdido a noção de tempo quando seu destino se aproximara. Minutos? Dias? Meses? Anos? Ele não sabia dizer, sabia que parecera uma eternidade. Deu mais um passo. Outro. Mais um. Então ele viu, parada em frente à porta do quarto mais alto da torre mais alta. Ela usava cota de malha e armadura completa, em baixo do braço esquerdo segurava um capacete, e na mão direita uma espada longa, apoiada no chão. O seu cabelo escuro lhe cai até a metade das costas e olhos cinzentos encontraram com os de Godrick.

- Princesa Aida, finalmente nos encontramos.

A princesa enrijeceu o olhar, altiva.

- Mais um que se posta frente à morte, na esperança tola de sonhos do passado. Como ousa?

- Ouso, pois tenho fé em dias melhores. Para que quando eu finalmente morrer, tenha valido a pena a história de minha vida.

A princesa levanta a espada e aponta para o desafiante, e em um movimento súbito, um passo fez desaparecer a distancia entre os dois e uma estocada foi lançada em direção de Godrick. O cavaleiro levanta sua própria arma desferindo o golpe para o lado. Espadas se cruzam novamente, os dois se encaram, Godrick empurra a princesa para trás e faz um movimento em direção ao seu peito. Aida desvia do golpe e contra-ataca, acertando-lhe a perna. Godrick sente o corte na coxa esquerda e o sangue quente que começa a escorrer. Olha para a perna, olha para a princesa resoluta a sua frente. Tão longe, tão perto. O quarto mais alto da torre mais alta logo a sua frente. Não é hora de morrer.

Godrick apoia-se na perna direita e arruma a guarda. Sabia que a princesa tiraria proveito de seu ferimento, e essa era sua chance. Ele esperou. Aida veio, e como antecipara, desferiu um ataque poderoso em direção do flanco esquerdo de Godrick. O cavaleiro se apoia na perna ferida, defende-se do golpe e gira em torno de si mesmo, terminando o movimento com um corte em diagonal do quadril ao ombro da princesa. Aida cambaleia para trás. O momento certo. Godrick se impele para frente e crava a espada em seu peito.

O cavaleiro se desequilibra e cai para o lado com a mão na perna. Sente-se tonto, perdera muito sangue. Pondera a situação por um instante. A princesa morta a seus pés. Tenta retomar o equilíbrio, se levanta, caminha até a porta, e a empurra. A luz entra pela janela do quarto, simples com apenas um estrado ao centro.

Godrick caminha até o centro do quarto, em cima do estrado, deitado, roncando levemente, enroscado em volta da própria cauda escamosa, um pequeno filhote de dragão. O cavaleiro olha com carinho para a criatura, toca-lhe o dorso. O dragão abre os olhos, Alderoth está salva.



Godrick sentia o sol da manhã batendo em seu rosto e sorriu. Os cabelos negros, riscados de branco lhe caíam sobre a testa. Esticou os braços espreguiçando-se para espantar o sono, a grama a sua volta dançava ao tempo do vento leve que circulava. Ouvia um ronronar suave e percebeu que Ignácio tinha dormido. Tocou o flanco do dragão e sentiu as escamas duras sob seus dedos. Ignácio reclamou levemente ao sentir a mão do cavaleiro, mas logo cedeu ao carinho do companheiro.

Ao passar dos anos, Ignácio cresceu pouco a pouco até se tornar, hoje, do tamanho de um cavalo adulto. Mas sempre que Godrick olhava para ele, via o filhote que resgataria tanto tempo atrás. Nesse meio tempo viajaram, enfrentaram feras e exércitos. Sempre lado a lado. Tornaram-se inseparáveis.

Godrick tirou a mão de cima de Ignácio e se levantou, olhou em volta. À sua frente a cabana de madeira, simples e aconchegante, com telhado de sapê e cercada com taipas de pedra, à beira da floresta. À sua direita uma pequena cachoeira e o riacho que corria floresta adentro. O cavaleiro caminhou até o riacho, agachou-se, mergulhou as mãos na água cristalina, sentindo-a gelada. Lavou o rosto, molhou o cabelo, se levantou e andou devagar até a cabana. Parou na porta por um instante e olhou para o dragão que dormia ao sol. Sorriu.

A cabana era espaçosa, uma mesa de madeira ao centro da sala, uma lareira de pedra ao canto esquerdo, ao lado uma bancada também de pedra, e, na parede oposta, um sofá coberto de lã embaixo da janela. Ao lado direito, uma escada levava para o quarto de Godrick, no segundo andar. Recostada, ao lado da escada estava Thúdrim, sua espada. O cavaleiro andou até ela e a segurou sob seus dedos, fazia tempo que não a empunhava. Lembrou-se das batalhas de outrora, este tempo passara, seus dias de cavaleiro haviam terminado. Largou a espada onde estava, caminhou até o sofá e sentou.

Godrick fechou os olhos e respirou fundo, adorava estas manhãs ensolaradas. Começou a sentir uma brisa suave, que se atenuou, atenuou, e começou a se tornar forte. Abriu os olhos e, no meio da sala, uma pequena esfera azul pairava sobre o chão. Era dela que convergia este vento. A esfera se tornou maior. O vento se tornou mais forte. Maior a esfera. Maior o vento. Então, subitamente, o vento parou. No meio da sala, a esfera brilhava suavemente, do tamanho da cabeça de um homem. Então tão rápido quanto crescera, a esfera se comprimiu. Devagar, pouco a pouco, ela voltou a crescer e tomar forma. Em poucos segundos, parado à sua frente, Godrick via um homem velho, barba e cabelos grisalhos, vestindo um manto azul e usando pequenos óculos.

- Sir Godrick?

Godrick estava pasmo. Um homem acabara de criar forma em sua frente. Olhou para a espada encostada na escada. Não daria tempo de correr até ela, o homem estava bem mais perto. Levantou-se com cuidado.

- Sim, sou eu.

- Meu nome é Bayron, preciso de sua ajuda. Desculpe chegar desta maneira, mas não havia outra.

- Chegar de onde? – Godrick começou a andar de vagar em direção à espada.

- Bom, do futuro.

Godrick parou de andar. Teria aquele velho ficado louco? Se bem que, para ter chegado em forma de esfera brilhante, normal ele não era.

- Como assim?

- Eu sou o Mestre da Ordem dos Magos, fui enviado pelo Rei Giuseppe Dallaran, governante de Garzar, um dos quatro reinos que se formaram da separação de Alderoth. Sir Godrick, um mal devastador assola nosso reino, o Rei mandou-me para o passado para levar ao nosso tempo presente o maior herói que caminhou por esta terra. Você.

Godrick olhava para o mago fixamente. Era um absurdo! Impossível! Como podia ser verdade?

- Como posso confiar em você?

- Imaginei que faria esta pergunta. – Bayron colocou a mão dentro da túnica e tirou dela, envolta em um pedaço de tecido, o punho de uma espada quebrada. Desenrolou o tecido e mostrou para Godrick – Aqui está. A única vez que esta espada vacilou foi no dia de sua morte. Desde então ela é guardada no tesouro real, como memória de outros tempos. É a única prova que tenho de que vim do futuro.

Godrick se aproximou devagar do mago e olhou para o que restara da espada que ele segurava. A safira no pomo, o punho dourado e as inscrições na lâmina, inacabadas no ponto em que ela se quebrara eram exatamente idênticos à espada que repousava encostada na escada. Godrick olhou para ela, ponderando.

- De qualquer maneira, Mestre Bayron, não posso mais lutar, eu estou aposentado, já não sou mais quem eu fui. Se é tão urgente, por que voltaste para esta época, não antes?

- Foi tudo que consegui, o que, aliás, nunca foi feito antes. Godrick, eu viajei duzentos anos.

Godrick arregalou os olhos.

- Duzentos anos?

- É, e meu tempo aqui já está acabando. – O mago olhava para a própria mão que começava a voltar a ser a massa azul de antes. – Por favor, venha comigo.

- Mas eu não posso deixar Ignácio.

- Ele nem perceberá que você desapareceu, quando voltar do futuro estará exatamente neste mesmo ponto da história, lhe prometo. Para ele será um segundo sem você aqui.

Godrick olhou pela janela, Ignácio ainda dormia no sol. Respirou fundo e olhou para o mago que estendeu a mão para ele. Fechou os olhos e os abriu. Caminhou determinado até a espada encostada na escada, apertou-a forte sob os dedos e a colocou na cintura, virou-se na direção do mago e segurou sua mão. O mundo começou a girar, o cavaleiro sentiu como se fosse puxado para dentro e para todos os lados ao mesmo tempo. A viagem parecia intermi-

nável, não via nada em volta, apenas um clarão de luz contínua que o cegava. Subitamente tudo parou. Godrick estava no chão ofegante, respirando com dificuldade.

- Isso foi horrível.

- Desculpe o mau jeito.

Godrick apoiou-se com as mãos e se levantou devagar. Via-se em um salão amplo, com colunas altas de mármore dos dois lados. Tapeçarias decoravam as paredes e um grande lustre dourado pendia do teto. Ao fundo, um trono alto que Godrick já conhecia. Nele sentava um homem imponente, cabelos castanhos, barba espessa que começava a apresentar fios brancos, olhos claros e profundos que miravam os recém-chegados. Em sua cabeça, a coroa do Rei. Bayron fez uma reverência e Godrick logo o seguiu.

- Bem vindo, Sir Godrick. Estava ansioso pela sua chegada. Meu nome é Giuseppe Dallaran, o avô de meu avô foi seu rei, e você o serviu com glória e honra, espero que possa fazer o mesmo por mim.

Godrick acenou com a cabeça.

- Farei o que puder. Mas preciso, antes de mais nada, saber o que é que está acontecendo.

- Um mal terrível se instaurou em meu reino. Vivemos hoje uma guerra contra um necromante de tamanho poder que nunca outro igual caminhou por esta terra. E esta guerra tem deixado meu povo dizimado. Vilas são queimadas, soldados são mortos, filhos que nunca mais verão seus pais. Em meio a isso, ao norte daqui um monstro reivindicou uma floresta, que está numa importante rota comercial do reino, como sua. Não posso empreender uma jornada com meu exército que está nas linhas de frente para resolver este problema. Estamos à beira do abismo, Godrick.

- Entendo. – Godrick olhava para o chão agora ponderando a situação que se encontrava o Rei. – Mas que tipo de monstro é esse?

- Azogh, o Dragão da lenda.

Um turbilhão de lembranças passou pela cabeça de Godrick.

Batalha. Sangue. Morte.

Fechou os olhos.

- Por isso eu.

- Por isso você.

Godrick pensava que seu pecado já havia sido pago, mas a história se repete e fantasmas do passado voltam para lhe assombrar novamente. Abriu os olhos.

- Eu não posso. Não posso!

- É a nossa única esperança.

- Como vou fazer isso? Depois de tudo? Não é justo!

- Godrick, se não fizer isso, acabou. Tudo. Sabe quantas pessoas estão morrendo? Não será nada comparado ao que vai acontecer.

Godrick fechou os olhos novamente, tremia.

- Quando posso partir?

- Agora.

...

O chacoalhar do cavalo sob suas pernas nem eram percebidos pelo cavaleiro perdido em pensamentos. Olhava a floresta à sua volta. Da onde estava podia ver a caverna na encosta da montanha onde Bayron disse que aldeões haviam visto Azogh. Parou o cavalo e desmontou. Parou na entrada da clareira que antecipava a montanha e escutou. Parecia tudo quieto, quieto demais. Tomou folego e coragem, levantou a cabeça e caminhou a passadas firmes em direção à caverna. Parou na entrada e mirou a escuridão que o aguardava. Chegara a hora. Entrou.

Caminhou durante algum tempo até seus olhos começarem a se acostumar com o escuro e a luz que vinha do lado de fora que levemente iluminava as paredes de pedra. Subitamente Godrick começou a ouvir um rosnado. Olhou a sua volta, mas não viu nada. O rosnado continuava. Olhou para cima, deitado em uma parte mais alta da caverna, Azogh olhava para ele. Godrick puxou a espada da bainha, respirou fundo. O dragão pulou para cima dele. Era colossal, seus dentes eram maiores que a espada do cavaleiro, suas asas abertas projetavam sombras capazes de transformar o dia em noite e os olhos brilhavam de raiva.

Godrick correu e pulou atrás de uma pedra a tempo de não ser esmagado pelas garras do dragão. Azogh rugiu. Quando o cavaleiro olhou para cima apenas foi tempo de ver o rabo do dragão batendo contra a pedra. Godrick, pedras e poeira voaram e se chocaram contra a parede. Azogh correu até o cavaleiro e lançou uma rajada de fogo. Godrick se jogou para o lado e desviou. O dragão passou as garras pelas paredes em direção ao cavaleiro, não havia para onde fugir, tentou desviar com a espada, mas foi em vão, as garras do dragão perfuraram armadura, pele e carne. Godrick começou a sentir o sangue escorrer pelo seu peito. Azogh abriu a boca e se lançou em direção ao cavaleiro. Godrick ergueu a espada e se lançou ao encontro do dragão. Azogh mordeu a espada e lançou-a, junto com Godrick, para o ar. Era o momento certo. Godrick flutuou por um milésimo de segundo, girou a espada e enquanto caía a cravou na nuca do dragão. Azogh gritou, se debateu e lançou o cavaleiro ao chão.

Godrick estava tonto, perdera muito sangue e batera a cabeça. Seus olhos quase se fechavam. Azogh veio em sua direção, quando chegara para dar o último golpe parou por instante e cheirou o ar. Era a chance que Godrick precisava. Levantou-se num último esforço e cortou a parte de baixo da garganta do dragão. Sangue começou correr pelo chão e Azogh se afastou tombando perto da parede, arfando pesadamente de olhos fechados. Godrick sentia as pernas tremendo, estava fraco. Caminhou até o dragão e levantou a espada. O golpe de misericórdia.

Azogh abriu os olhos e eles se olharam. Profundamente se olharam. Godrick deixou a espada cair e caiu de joelhos junto com ela.

- Ignácio?

Prim

Prim respirava pesadamente, o suor lhe escoria pela testa e sentia a boca seca. Encostou-se em uma árvore próxima para recuperar o fôlego, pegou uma tira de tecido amarrada ao pulso e prendeu o cabelo volumoso. Escutou o som de um galho se partindo e sorriu. Esperou e ouviu atentamente.

Agora!

Pulou de trás da árvore.

- Te peguei!

- Ahhhhh! – Daren pulou para trás, tropeçando e caindo no chão.

- Hahahah, quatro a um pra mim.

- Não vale!

- Claro que vale! Vem, amanhã eu te dou outra chance, tá ficando tarde. A vovó vai ficar preocupada.

Prim segurou a mão do irmão caçula e o ajudou a se levar, para então tomarem o rumo de casa. Era fim de tarde e logo a floresta ficaria escura. Daren andava na frente, chutando folhas secas e pulando por cima de troncos caídos. Fizera doze anos a poucos dias e agora já estava quase da altura da irmã mais velha.

- Eu só perdi por causa do meu pé machucado, amanhã...

- Daren, ouviu esse barulho?

- Que barulho?

- Shh, só um minuto. – Prim parou para escutar. – Parece um gemido...

Prim saiu do caminho e começou a andar em direção ao som que havia ouvido. Passados alguns metros o gemido se tornou mais alto. Se apressou. Logo começou a ver, no chão, rastros de sangue, ainda fresco. Não demorou a achar a fonte. Viu em meio às árvores um homem, vestindo uma armadura destruída envolto em uma poça de sangue. Correu até ele. Tocou seu pescoço ainda quente e sentiu a pulsação fraca.

- Daren! – gritou – Me ajuda aqui, precisamos levar ele pra vovó!

Daren correu ao encontro da irmã e parou ao ver o homem no estado que estava.

- Rápido!

O menino se aproximou e colocou o braço do homem sobre o ombro, Prim fez o mesmo.

- No três. Um... Dois... Três!

...

Godrick acordou devagar, relutando em abrir os olhos. Seu peito queimava, sua cabeça doía, seu coração pesava. Abriu os olhos e se viu em uma cabana simples, teto de palha e

paredes de barro, assim como o chão. Estava deitado em uma esteira baixa, coberto. Tentou mexer o braço, mas a dor lancinante o impediu.

- Não tente se mexer, vai piorar os ferimentos. – Uma voz arrastada se fez ouvir. Devagar, uma senhora idosa, já com cabelos brancos, contrastando com a pele escura, de estatura baixa, joelhos curvados e rugas sob os olhos, entrou no campo de vista do cavaleiro. – O senhor passou por maus bocados. Não pensei que fosse sobreviver.

Godrick fechou os olhos novamente. Imagens vieram a sua cabeça. A caverna, a espada, o sangue. Ignácio. Lágrimas começaram a correr pelo seu rosto.

- Aqui, tome. Isso vai ajudar. – A senhora caminhou até ele com uma cumbuca na mão. Colocou em seus lábios e despejou o líquido em sua boca. Era doce e refrescante, deixando a boca do cavaleiro levemente dormente. – Qual teu nome, meu filho?

- Meu... meu nome é Godrick. – disse com a voz fraca.

- Como o da lenda.

- O próprio. – respondeu arqueando as sobrancelhas.

- Meu nome é Dora, filho. Sabe, há uma lenda por trás da lenda, que poucos sabem. Já ouviu falar de Zahara?

- A sacerdotisa?

- Sim, ela mesma. Há muitos anos atrás Zahara, a matriarca de minha família, previu que para redimir seu erro, o Herói deveria salvar uma vida pagando assim pela que tirou. E se ele conseguisse pagar esta dívida, Alderoth poderia ser salva, do contrário, estava fadada a destruição.

- Sim, eu conheço muito bem esta história.

- Alderoth poderia ser salva. Mas o que o Herói não sabia, é que não dependia só dele.

- Como assim?

- O resto da história é o que todos conhecem.

- Me conte, por favor.

- O povo descobriu o segredo de Godrick, disseram que era uma atrocidade, que ele criava um monstro. Eles tentaram, mas não conseguiram matar o dragão. Já o nosso Herói, foi linchado, e exposto em praça pública. Foi quando o povo de Alderoth assinou seu próprio decreto.

Godrick não conseguia respirar, uma torrente de pensamentos o invadiu. O mago, o Rei, a fúria nos olhos de Ignácio. A ira tomou-lhe a cabeça. A senhora tocou-lhe a testa.

- Se acalme, terá vingança. Tudo há seu tempo. – Godrick olhou para ela com dúvida. – Eu sei mais do que aparento – disse num meio sorriso. A cabeça do cavaleiro começou a pesar. - , agora durma, amanhã é outro dia.

...

- Ele tá dormindo ainda? – perguntou Prim.

- Sim, as feridas que ele carrega são profundas. Deixa ele descansar, vai precisar de força no que vem pela frente.

- O que a senhora viu, vovó?

- Ele é a esperança, criança. De acabar com essa guerra. – a idosa pegou uma brasa da fogueira a sua frente e acendeu o cachimbo que segurava – Mas ele não vai conseguir sozinho. Ele precisa de ajuda. – Olhou para neta com orgulho.

Prim ficou em silêncio.

- Cuide dele e não deixa que faça nenhuma bobagem. Lembre-se: na noite o inimigo é forte. Tome cuidado.

- Pode deixar vovó.

- Agora vai, vai dormir que já é tarde, amanhã nós conversamos.

- Boa noite vovó.

- Boa noite minha filha.

Prim entrou na cabana, deitado na esteira o homem que ela salvara ressonava suavemente, havia tirado as cobertas e agora podia-se ver as ataduras em seu peito. Prim olhou para ele por um momento, amanhã seria um longo dia.

...

Prim acordou cedo na manhã seguinte, se espreguiçou tentando espantar o sono. Olhou para os lados e viu que todos ainda dormiam. Olhou para o canto da sala onde, encostado na parede, seu arco e aljava repousavam, pegou-os e saiu da cabana. O sol começava a nascer e sentia em sua respiração o frio da madrugada. Na grama sob seus pés sentia a orvalho gelado lhe tocando a pele.

Ouviu um barulho atrás de si e virou-se rapidamente. Parado na porta, o cavaleiro usava apenas uma calça simples que haviam colocado do lado da cama dele. Em seu peito, as ataduras riscadas de vermelho.

- Deveria estar na cama... – Godrick olhou para Prim por um instante.

- Já me sinto muito melhor, não se preocupe. – Olhou para as ataduras – Vivem só vocês três aqui? - Disse Godrick olhando a floresta que rodeava a cabana.

- Sim, eu, meu irmão, Daren, e nossa avó.

- Perdão, eu não perguntei seu nome.

- Prim.

- Muito prazer, Prim. Me chamo Godrick – Prim sorriu para ele.

Godrick sentou-se perto das brasas que sobrara da noite anterior e Prim sentou ao seu lado. Alguns minutos se passaram e pela porta da tenda Dora passou, batendo devagar a bengala no chão.

- Já acordados? – disse a idosa. Prim sorriu.

- Oi vovó.

Godrick e Prim se levantaram.

- Bom, então vamos conversar.

A senhora se apoiou na bengala e respirou fundo.

- O senhor já está aqui há alguns dias e imagino que já tenham o considerado morto, provavelmente algum batedor já foi enviado até a caverna e deve estar agora voltando para o castelo com a notícia da queda do dragão. – Godrick fechou os olhos e cerrou os punhos. – Mas isso é bom. Terão o elemento surpresa. Mas lembre-se, quem arquitetou tudo isso foi Bayrom. E é ele que deve pagar.

- Ele pagará – disse o cavaleiro resoluto.

- Bom, eu tenho uma coisa para você. – Dora entrou novamente na cabana e após alguns instantes saiu dela com um pacote de tecido na mão. – Não vai conseguir chegar a lugar nenhum sem isto aqui.

Abriu o tecido e de dentro tirou Thúdrim, intacta.

- Eu mandei Daren ir até a caverna ver o que restara, e ele a encontrou.

Dora caminhou devagar até Godrick e colocou a espada em sua mão, que agora tremia.

- Não sei se tenho coragem de empunhá-la de novo. – disse em meio às lágrimas.

- Terá de ter, filho. Pelo bem de todos. Aqui, mais uma coisa, tome, se vista – Dora entregou a ele uma velha capa cinza – Prim, pode vir aqui um momento?

- Ah, claro vovó.

As duas entraram na cabana, Daren ainda dormia.

- Eu tenho uma coisa pra ti também. – Dora pegou um dos colares que usava e olhou para ele com carinho – Sabe, eu ganhei esse colar de minha mãe, e ela ganhou da mãe dela, e assim tem sido, desde Zahara. Agora minha filha, ele é seu. Sempre carregue ele contigo, que ele vai te proteger.

A senhora tirou o colar de seu pescoço e colocou no da neta. Uma pedra azul escura pontilhada de amarelo ouro. Prim a sentiu morna em seu peito.

- Ah, mais uma coisa, se, e somente se, precisar muito de algo, peça a ela, que será atendido. E guarde-a com cuidado, é tudo que lhe peço.

- Obrigado vovó, vou guardar.

- E trate de cuidar daquele moço, ele também vai precisar.

- Pode deixar vovó. – Prim se aproximou e deu um abraço apertado na avó. – Eu volto logo.

- Eu sei. – disse Dora sorrindo. – Vem, vamos lá que está na hora.

As duas saíram da cabana, Godrick olhava para a floresta, resoluto. Capa sobre os ombros e peito ainda a mostra.

- Prim irá com você até o castelo, ela lhe ajudará em sua jornada.

- Está pronta? – disse Godrick sem tirar os olhos da floresta.

- Sim. – disse Prim.

- Então vamos. Muito obrigado por tudo.

- Não há de que, meu filho. Não há de que.

Godrick apertou firme o cabo da espada. Prim postou-se ao seu lado. Se olharam e acenaram. Entraram na floresta.

...

Ao longo do dia viajaram rumo a capital, Prim conhecia a floresta como uma velha amiga e logo se viram diante dos muros da cidade. Godrick puxou o capuz sobre a cabeça e pôs-se a caminho da entrada principal. Prim o seguiu. Começava a chover e homens e carroças se apressavam pela estrada de terra em busca de abrigo em alguma pensão barata dentro da cidade. Os guardas agora recostavam-se dentro das guaritas afim de fugir da chuva.

- Como vamos entrar no castelo? – sussurrou Prim.

- Se as coisas não mudaram nos últimos duzentos anos, eu sei um jeito. – respondeu o cavaleiro. – Só me segue, e tenta não chamar atenção.

Os dois andaram pelas ruas da cidade até estarem encharcado até os ossos, e pouco a pouco se aproximavam do castelo do rei. Um muro alto de pedra solida rodeava a morada do soberano e guardas ficaram a postos dia e noite. O que se via por trás deste muro eram torres altas desafiando o céu cinzento. Relâmpagos soavam ao longe.

- Por aqui garota – Godrick tocou o braço de Prim e apontou para uma estalagem velha em uma rua lateral.

Prim o seguiu e entraram numa rua estreita. Tonéis e caixas de madeira empilhados tornavam a passagem ainda mais complicada. Em cima da porta velha da entrada da estalagem uma placa surrada mostrava “*Búfalo Gordo*”. Entraram na estalagem. O piso de madeira rangia a cada passo. À direita, uma lareira de pedra abrigava um fogo em brasas, à esquerda uma escada com aparência nada confiável levava aos andares superiores. Ao fundo um balcão e atrás dele um homem careca de meia idade. Godrick caminhou até o balcão.

- No que posso ajuda-lo?

- Quarto 27, por favor. – o homem hesitou por um instante olhando para Godrick.

- Aqui – se abaixou e pegou uma chave em baixo do balcão.

- Obrigado – Godrick se virou e olhou para Prim –, vamos.

Subiram as escadas. Um corredor estreito levava até as portas dos quartos. A cada passo as tábuas estalavam sob os pés dos dois. Foram passando pelas portas até chegarem ao número 27. Godrick colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Dentro do quarto apenas uma cama simples e um armário. Cortinas gastas cobriam as janelas empoeiradas.

- Parece que ninguém vem aqui faz um tempo. – comentou Prim.

- Essa é ideia. Feche a porta.

Gobrick andou até o armário e o tocou. Segurou firme e o empurrou para o lado. Parou e respirou fundo, tocando o próprio peito.

- Tá bem? – perguntou Prim.

- Sim, não é nada. Obrigado.

Com o armário deslocado agora podiam ver uma segunda porta, bem menor que a do quarto. Godrick pegou a chave e colocou na fechadura da segunda porta e a girou. Puxou e com um rangido estridente a porta se abriu. Um túnel negro se revelou a sua frente. Se entreolharam. Godrick passou na frente e entrou no túnel. Era escavado em pedra e pouco a pouco ia descendo mais e mais. Prim não conseguia ver nada, guiava-se pelo tatear das mãos nas paredes e o som de Godrick a sua frente.

O tempo passou e em determinado momento o som a sua frente parou.

- Chegamos – disse Godrick.

Prim ouviu um rangido alto e então a luz dos archotes invadiu o túnel escuro, cegando-a. Assim que seus olhos se acostumaram com a luz, Prim conseguiu ver uma cozinha vazia. Não haviam panelas nem serviçais. O cavaleiro andou até uma porta de entrada da cozinha que levava a um corredor e olhou em busca de algum sinal de alguém se aproximando.

- Prim, feche esta porta e vamos seguir.

Prim acenou com a cabeça e fechou a porta. Os dois caminharam pelo castelo durante um longo tempo. Godrick fez questão de ir pelos caminhos mais vazios, afim de não encontrar ninguém.

- Eu imagino que Bayrom seja também o conselheiro do Rei. – disse Godrick

- Sim, aliás sempre que o Rei aparece em público ele está junto dele e muitas vezes ele falou em seu lugar quando o Rei estava indisposto.

- Bom, então sei onde devemos ir. Vem, é por aqui.

Após mais alguns minutos de caminhada Godrick parou em frente a uma armadura exposta em um corredor qualquer. Olhou para os lados e tocou o calcanhar da armadura. Imediatamente um alçapão se abriu a sua frente. Godrick pulou. Prim olhou dentro do alçapão e viu o cavaleiro esperando por ela com a mão no peito. A altura era baixa e para ela foi uma queda fácil. O teto era baixo e Godrick tinha que ficar curvado. Na parede havia um archote e uma manivela. O cavaleiro acendeu o archote, girou uma manivela e o alçapão se fechou.

- Agora estamos perto, Prim. Quando chegarmos lá, eu quero que tu espere, quero que ele pense que estou sozinho.

- Por quê?

- Por que assim nossas chances serão maiores, eu não sei a dimensão dos poderes de Bayrom, mas pra fazer o que ele fez, ele é no mínimo poderoso. Quero que tu fique no túnel e espere. Atire no momento certo. Eu sei que tu consegue.

- Mas...

- Prim, confia em mim.

A menina acenou com a cabeça.

- Então vamos.

No final do túnel que entraram havia um pequeno ponto de luz na parede. Godrick apagou o archote e olhou pelo buraco. Olhou para Prim colocou a mão perto do buraco e empurrou o que acabou se revelando um quadro na parede do quarto do conselheiro do Rei. Enquanto a luz começava a se espalhar pelo túnel, Prim se afastava para a sombra.

Bayrom estava sentado à mesa, lendo um livro. Quando ouviu o barulho do quadro se movendo virou-se e fitou o cavaleiro entrando em seu quarto.

- Ora, ora. Godrick! Você está vivo. Que surpresa maravilhosa!

- Não pra ti. – o cavaleiro desembainhou a espada. – Tu sabia de tudo. Tudo que ia acontecer, mesmo assim não disse nada. As coisas poderiam ter sido tão mais simples. É uma pena Bayrom, mas tu vez a escolha errada.

Godrick partiu para cima dele. A espada cortou o ar veloz e parou antes de encostar no mago. Godrick fazia força, mas a espada não se mexia.

- Godrick, Godrick, Godrick. Pois é, essas coisas acontecem. O que posso fazer? – Bayrom fez um movimento com a mão e o cavaleiro voou aterrissando do outro lado do quarto.

Godrick se levantou sentindo o peito arder.

- Desculpe, mas não pretendo perder mais tempo contigo. Quero resolver isso logo, sabe? – o mago abriu novamente o livro que estava lendo e colocou a mão no chão. No instante seguinte havia um círculo mágico a sua frente e dele começou a surgir uma criatura. Quatro braços torneados e completamente pretos com garras compridas tocaram o chão. Em seguida veio a cabeça, orelhas pontudas, olhos fundos sem expressão e presas compridas, o corpo humanoide. – Mate-o.

A criatura disparou em direção de Godrick. O cavaleiro levantou a espada e pôs-se em guarda. A criatura tentou bater nele com uma das quatro mão, mas Godrick deu um passo para o lado e a decepou. O monstro gritou. Godrick continuou o movimento da espada correndo-a pelo abdômen da criatura. O sangue começou a marcar o chão de mármore do quarto de Bayrom. O monstro investiu novamente golpeando o chão em busca de seu alvo. Godrick pulou para um lado e para o outro mas, o terceiro braço o acertou em cheio arremessando-o contra a parede.

Prim observava tudo imóvel, mal conseguindo respirar. Via que as ataduras no peito do cavaleiro se tornaram mais vermelhas depois do golpe do monstro. Godrick arfava pesadamente. Prim puxou uma flecha da aljava e posicionou no arco, pronta para atirar.

Os olhos de Godrick começaram a ficar embaçados e seu corpo ficara pesado. Sacudiu a cabeça. Sua espada caíra quando bateu na parede e estava agora entre ele e o monstro. Godrick correu, o monstro também. O cavaleiro pulou e agarrou a espada. A criatura estava praticamente em cima dele. Girou a espada e acertou-lhe a perna. O monstro gritou e pulou por cima do cavaleiro. Mirava Godrick com raiva, rosnando. Agora, mancava devagar tentando manter o equilíbrio, sem tirar os olhos do cavaleiro. Investiu novamente, distribuindo socos frenéticos pelo salão. Godrick desviou com a espada e cravou-a no peito da criatura, que gritou e gritou e então parou e caiu inerte no chão.

A garganta do cavaleiro estava seca e ele não conseguia respirar direito, seu peito doía e os braços pesavam. Virou-se para Bayrom.

- Muito bem, Godrick. Seu nome faz jus à lenda. Mas receio que seu tempo já passou, tá na hora de ir pra casa. – O mago começou a mexer as mãos e Godrick começou a sentir o mundo girar, perdeu a respiração e num instante tudo parou.

...

Godrick abriu os olhos, estava tonto, visão turva. Olhou em volta e viu sangue, o quarto do conselheiro, coberto de sangue. No canto o monstro morto, a sua frente Bayrom, com uma flecha cravada no peito.

- O momento certo, não é? – Prim vinha caminhando em direção ao cavaleiro e estendeu a mão para ajuda-lo a levantar.

- Obrigado. – Godrick pegou a mão de Prim e levantou ainda recuperando a respiração. – Mas numa coisa ele tava certo, esse não é meu tempo Prim, eu preciso voltar pra casa.

Prim começou a mexer inconscientemente no colar de sua avó enquanto pensava. Olhou para ele e olhou para Godrick.

- Vem aqui, eu tenho uma ideia. – Prim tirou o colar e colocou em Godrick. Fechou os olhos e desejou que ele volta-se para seu tempo. – Volta logo, Godrick.

E ele sumiu.

...

Godrick acordou em casa, com a cabeça de Ignácio na janela olhando para ele. Correu até o dragão e o abraçou forte, começando a chorar.

- Obrigado Prim, dessa vez as coisas vão ser diferentes.

Tia Nancy Doços e Doçuras

INT. SALA. NOITE

A sala está escura. No centro, uma mesa redonda e em volta dela sentam-se três pessoas. Uma luz fraca pendurada no teto baixo cria uma penumbra leve.

ALBERTO

Conseguiu as máscaras?

LUIZ

Consegui sim.

JULIA

E o spray?

LUIZ

Também, tá tudo na mochila. Muito bem galera, então, o plano é o seguinte: a loja da tia Nancy fica aberta todo dia das oito da manhã até às seis da tarde. Ficando fechada do meio dia às duas. Todo dia depois de fechar a loja, a tia Nancy toma um café na padaria da esquina e depois vai pra casa, passando na frente da loja por volta de seis e vinte nesse caminho. Muito bem, mas o nosso plano vai entrar em ação um pouco mais cedo. Em um dos últimos corredores fica a prateleira de caixas de chocolate. Julia, às cinco horas da tarde eu e o Luiz vamos entrar na loja, com as máscaras e o spray e seremos a distração, nessa hora tu tem que entrar ir até o corredor das caixas de chocolate, e tirar as três últimas colunas de caixas, atrás delas vai estar vazio, tu vai entrar no espaço vazio e colocar as caixas de novo. Tu vai ter cerca de dois minutos pra fazer isso antes da gente sair da loja. Depois disso, nós esperamos até seis e vinte e um. Quando a tia Nancy sair, tu pode sair da prateleira, espera ela passar e tu abre a porta dos fundos pra gente, nós entramos e os doces são nossos. Senhora e senhor, alguma dúvida?

JULIA, menina, 11 anos, levanta a mão.

LUIZ

Sim, Julia?

JULIA

Como é que eu vou colocar as últimas caixas? Não dá pra fazer de dentro, tem que ser por fora.

ALBERTO

Como assim?

JULIA

Não vai ter como eu segurar a caixa e puxar pra dentro. Precisa ser alguém por fora.

Os três param um momento para pensar.

LUIZ

Então precisamos de mais alguém, eu e o Alberto vamos estar na distração. Alguém que já esteja dentro da loja quando a gente chegar.

ALBERTO

Acho que só tem uma pessoa que faria o serviço. O Panqueca.

EXT. PÁTIO DE ESCOLA. DIA

Julia, LUIZ, menino, 11 anos, e ALBERTO, menino, 12 anos, estão sentados em um banco no pátio da escola. É recreio, crianças brincam pelo pátio. Sentado no lado oposto do pátio, comendo um sanduíche, está PANQUECA, menino, 12 anos. Os três se levantam e caminham até o menino.

LUIZ

E ai Panqueca, beleza?

PANQUECA

Fala galera, de boas?

LUIZ

Tranquilo. Velho, a gente tem uma proposta pra ti. Negócio sério. Bora conversar lá na sala, deve tá vazia.

PANQUECA

Tá, bora.

Os quatro caminham em direção à escola.

INT. CORREDOR. DIA

Caminham até chegar à porta da sala. Entram.

INT. SALA DE AULA. DIA

A sala está vazia, no quadro o resto da aula anterior, sobre as classes lápis e cadernos, sentam-se em cadeiras próximas.

LUIZ

Alberto, fica de olho na porta.

ALBERTO
Beleza.

PANQUECA
Eai, o que que deu?

LUIZ
O negócio é o seguinte Panqueca, a gente ta fazendo um esquema e tamo precisando de mais uma pessoa. Mas antes de te contar eu tenho que saber que tu vai ficar pianinho.

PANQUECA
Claro, pô. Não esquentá.

LUIZ
A gente vai assaltar a loja da tia Nancy.

PANQUECA
Vocês o que?

JULIA
É o que tu ouviu.

PANQUECA
Vocês tão maluco? Isso vai dar ruim galera.

LUIZ
A gente já planejou tudo, não vai dar ruim.

PANQUECA
Eu não quero saber, eu tô fora. Não vou falar pra ninguém, mas eu tô fora.

Panqueca se levanta e caminha em direção à porta da sala.

LUIZ
Ei, Panqueca. Imagina a loja inteira, só pra gente, tu pode levar um quarto de tudo que a gente conseguir carregar, acha que não vale o risco?

Panqueca para com a mão na maçaneta e olha para Luiz. Respira fundo, Larga a maçaneta.

INT. QUARTO. NOITE

Luiz está deitado em sua cama, o abajur ligado, olha para o teto.

LUIZ
É amanhã Giovana. Sabe, tá tudo planejado, mas eu tô nervoso mesmo assim.

Luiz se levanta e caminha até o aquário em cima da estante. A tartaruga olha para ele.

LUIZ

Pode dar tudo errado, tu sabe... o que eu quero dizer é que eu te amo Giovana. E se tudo der errado, minha mãe vai te dar camarãozinho. Mas eu vou voltar, por ti Giovana.

Luiz pega a ração do lado do aquário.

LUIZ

Come camarãozinho Giovana... E me deseja sorte.

Sussurros

INT. PRÉDIO - CORREDOR TERCEIRO ANDAR. DIA

CLARA, 30 anos, corre em direção à porta no final do corredor. A sua direita as portas dos apartamentos, à esquerda, janelas. Por seu rosto correm lágrimas. Ela para em uma janela e olha para rua. Um grupo de pessoas junta-se em volta de um homem. Eles seguram bastões, machados, correntes e facas. O homem tenta se afastar, mas está cercado. O grupo parte para cima dele.

CLARA

Não!

Ela bate com as mãos na janela e chora. Fecha os olhos. Quando volta a abrir o grupo já se dispersou em busca de um novo alvo. Onde estava o homem agora restavam pernas decepadas, braços arrancados, tripas e ossos em meio a uma poça de sangue.

(Off screen)

Batidas são ouvidas.

Clara olha para trás e vê a porta de entrada sendo forçada. Volta a correr. Chega ao final do corredor, tenta abrir a porta de saída, mas está trancada. Olha para trás novamente, a porta de entrada é quebrada, e um grupo de pessoas começa a correr em sua direção. Ela força a porta de saída, que cede, dando passagem. A sua frente, ESCADAS levam a os andares superiores e inferiores. A mulher começa a subir. As pessoas chegam mais perto. Ela começa a ouvir um murmúrio baixo vindo de muitas vozes. Ela coloca as mãos no ouvido e continua subindo.

CLARA

(Sussurro)

Não posso ouvir... Não posso ouvir... Não posso ouvir.

INT. CORREDOR QUARTO ANDAR. DIA

Pelo corredor vêm-se portas do lado esquerdo e janelas do lado direito, idênticas as do andar inferior. Clara começa a tentar abrir as portas, vai de uma em uma até que, na terceira tentativa a porta se abre. Ela entra no APARTAMENTO e fecha a porta rapidamente, encosta as costas contra ela e respira pesadamente, ainda chorando. Ela olha em volta, não há

ninguém em casa. Copos e pratos em cima da mesa, a televisão ligada.

JORNALISTA

... 48 horas após o anúncio oficial, o coronel Augusto Santana, responsável pelo perímetro da região metropolitana de Porto Alegre, afirma estar tomando todas medidas ao seu alcance para controlar a situação. Recomenda-se a população que se mantenha afastada de qualquer indivíduo que apresente comportamento violento. Especialistas investigam o que desencadeou os eventos dos últimos dias e afirmam...

Clara olha para esquerda e vê um armário baixo, caminha até ele e o empurra para a frente da porta. Anda até a cozinha e abre as gavetas, pega uma faca, suas mãos tremem, em sua testa o suor escorre. Ela começa a ouvir os sussurros novamente, se afasta ainda mais da porta caminhando até uma janela da sala. Olha para a fora, não há para onde ir.

Ela caminha até um dos quartos e fecha a porta. Ouve um choro baixo.

CLARA

Tem alguém ai?

Ela se encosta na porta e posta a faca a sua frente. Nenhuma resposta. Mas o choro continua.

CLARA

Tem alguém ai?

A mulher se abaixa e olha em baixo da cama, mas não há nada ali. Ela caminha até o armário, coloca a mão na maçaneta, respira fundo e abre. Dentro uma menina agachada no fundo armário (MELISSA, 8 anos). A criança fecha os olhos apertados e chora mais alto que antes.

CLARA

Tá tudo bem, tá tudo bem, não precisa se preocupar.

A mulher larga a faca no chão e se agacha.

CLARA

Qual o teu nome?

A criança olha para ela desconfiada.

MELISSA

Melissa.

CLARA
Oi Melissa, meu nome é Clara.

MELISSA
Oi Clara.

CLARA
Melissa, a gente precisa sair daqui, tem alguma saída fora a porta da frente?

MELISSA
Não.

(off screen)
Batidas são ouvidas.

CLARA
Melissa presta a atenção, tampa os ouvidos, não escuta o que eles estão dizendo.

Clara abraça a menina, as batidas se tornam mais altas e mais próximas, mais altas e mais próximas, mais altas e mais próximas.